

**CONTRIBUIÇÕES DA  
FENOMENOLOGIA  
SOCIOLÓGICA DE SCHUTZ  
PARA A PESQUISA SOBRE  
ALFABETIZAÇÃO DE  
MULHERES NEGRAS NA  
EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS**

**CONTRIBUTIONS OF  
SCHUTZ'S SOCIOLOGICAL  
PHENOMENOLOGY TO  
RESEARCH ON BLACK  
WOMEN'S LITERACY IN  
YOUTH AND ADULT  
EDUCATION**

*Monica Clementino de Meneze (Ma.)\**  
*Adenilson Souza Cunha Júnior (Dr.)\*\**



Imperatriz (MA), v. 4, n. 6, p. 2-15, jan./jun. 2022  
ISSN 2675-0805

Recebido em: 20 de junho de 2022  
Aprovado em: 22 de agosto de 2022

**RESUMO**

Este texto, que é parte de uma dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), tem o objetivo de refletir sobre a pesquisa na alfabetização de mulheres negras na Educação de Jovens e Adultos com base na perspectiva da Fenomenologia Sociológica de Schutz. As interpretações deram-se por meio da abordagem qualitativa, cujo instrumento de geração de dados foi a entrevista semiestruturada. As participantes foram oito mulheres que se reconhecem como pretas ou pardas (negras), matriculadas em classes de alfabetização de EJA, em quatro escolas públicas municipais de Porto Seguro — Bahia. Para subsidiar o debate, as análises foram tecidas mediante pesquisa bibliográfica que buscou conhecer a Fenomenologia de Schutz enquanto uma Sociologia da vida cotidiana, que interpreta os fenômenos do mundo da vida pela intersubjetividade, as vivências, as motivações e os significados atribuídos pela consciência dos sujeitos. Nosso intento é analisar como o método fenomenológico pode contribuir para a compreensão das motivações que levam mulheres negras a retornar a salas de EJA. Os resultados apontam que as motivações para as mulheres negras retornarem às salas de aula é a busca por independência pessoal, social e financeira, bem como a necessidade de conviver com autonomia na sociedade da escrita, visto que ler e escrever constituem atos de liberdade. Com base na

\* Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; E-mail: monica-cmenezes77@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4335-3693>.

\*\* Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Email: adenilsoncunha@uesb.edu.br; ORCID: 0000-0003-3622-1799.

compreensão do legado de Schutz, as motivações surgem no mundo da vida imbuídas de intencionalidades que se concretizam nas experiências vivenciadas no cotidiano pelos sujeitos.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos. Fenomenologia. Pesquisa.

### ABSTRACT

This text, that is part of a master's thesis defended at the Graduate Program in Education at the State University of Southwest Bahia (UESB) and aims to reflect on research on the literacy of black women in Youth and Adult Education based on the perspective of Schutz's Sociological Phenomenology. The interpretations were made through a qualitative approach, whose data generation instrument was the semi-structured interview. The participants were eight women who recognize themselves as black or grayish-brown (black), enrolled in EJA literacy classes in four municipal public schools in Porto Seguro — Bahia. To support the debate, the analyzes were made through bibliographic research that sought to know Schutz's Phenomenology as a Sociology of everyday life, that interprets the phenomena of the world of life through the intersubjectivity, the experiences, the motivations and the meanings attributed by the consciousness of the subjects. Our intention is to analyze how the phenomenological method can contribute to the understanding of the motivations that lead black women to return to EJA classrooms. The results indicate that the motivations for black women to return to classrooms is the search for personal, social and financial independence, as well as the need to live with autonomy in the writing society, since reading and writing are acts of freedom. Based on the understanding of Schutz's legacy, motivations emerge in the world of life imbued with intentions that materialize in the subjects' daily experiences.

**Keywords:** Youth and Adult Education. Phenomenology. Research.

## 1 Introdução

A Fenomenologia Sociológica de Schutz é uma corrente filosófica crítica que busca o conhecimento universal das essências e que, por compreender a subjetividade dos fenômenos sociais vivenciados nas relações entre os sujeitos no mundo cotidiano, pode ser concebida como a Sociologia da vida cotidiana.

Sustentada nos estudos de Schutz, constituiu-se uma Sociologia da vida cotidiana, rigorosa e sistemática, que se propõe a examinar o mundo da vida em sua profundidade epistemológica, exigindo um pensar analítico e crítico sobre as essências, a realidade e a motivação dos sujeitos alicerçadas pela intencionalidade. Para Husserl (2008, p. 22), “o método da crítica do conhecimento é o fenomenológico; a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que integra a ciência da essência do conhecimento”.

Segundo Giorgi (1985 *apud* MOREIRA, 2004, p. 60), a complexidade do pensamento fenomenológico está na comunicação:

O pensamento fenomenológico é intrinsecamente difícil, uma vez que vai contra a tendência natural da consciência de dirigir-se às coisas em vez de seus processos e tenta analisar processos espontâneos que se apresentam como unidades já formadas, embora estejam em constante fluxo.

Assim, a Fenomenologia tem como princípio as relações sociais que se constroem no mundo da vida e, como tal, traz as dimensões intersubjetivas ao ato de educar, pois revela como ocorrem os fenômenos nas relações entre os seres humanos no mundo e com o mundo. Complementam esse entendimento Berger e Luckmann (2011, p. 35), quando afirmam que a “vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens [...]”.

Para Husserl (2006, p. 2), o “mundo é o conjunto completo de objetos da experiência possível e do conhecimento possível da experiência, dos objetos possíveis de ser conhecidos com base em experiências atuais do pensamento teórico correto”.

Os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), ao chegarem à escola, trazem consigo um cabedal de conhecimento embasado pelas experiências do mundo da vida, possível de ser conhecido e ampliado sob a ótica da Fenomenologia.

Este texto, parte compositiva de uma dissertação de mestrado defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, tem como finalidade refletir sobre a alfabetização de mulheres negras na EJA sob a perspectiva da Fenomenologia Sociológica de Schutz, inferindo como a Sociologia da vida cotidiana pode contribuir para o campo da EJA.

Os constructos desenvolvidos pela Fenomenologia não estão voltados para os estudos na área de Educação, isso porque a Fenomenologia de Schutz submerge enquanto uma Sociologia da vida cotidiana, que interpreta os fenômenos do mundo da vida pela intersubjetividade, as vivências e seus significados dados pela consciência, mediante a qual é possível um diálogo metodológico.

A Educação, por sua vez, constitui-se um campo do saber no qual os sujeitos trazem consigo experiências diversas de uma realidade que se estrutura na vida cotidiana, o que torna admissível o olhar fenomenológico. É importante ressaltar que a Fenomenologia surge como uma corrente filosófica autônoma, das mais atuantes no século XX, entretanto, historicamente, vale lembrar que ela surge em um momento complexo para o conhecimento filosófico. Assim, essa corrente estrutura-se na busca de contrapor a crise de identidade intelectual do século XIX.

Para Moreira (2004, p. 58), a “Fenomenologia é um dos movimentos filosóficos mais importantes e fascinantes do século XX, que desde o seu início, guardou relações de intimidade com a Psicologia”. Sendo a Filosofia a causa primeira e última de todas as coisas, interliga-se com as Ciências, que buscam o caráter teórico e metódico do saber, ou seja, a ciência explica o porquê das coisas e como estas funcionam. A Filosofia indaga e questiona esse conhecimento, atribuindo-lhe uma rigorosidade metódica.

Até o século XVII, filosofia e ciência estavam interligadas, e foi a partir da revolução científica iniciada por Galileu que teve início a história da ciência como setor autônomo independente da filosofia as origens do saber científico se confundem com as origens da própria filosofia (COTRIM, 2006, p. 225).

No século XX, a Fenomenologia surge na tentativa de responder à crise intelectual e em oposição ao positivismo científico que tem na razão o princípio de tudo. Lima (2014, p. 11) ressalta que a "fenomenologia de Husserl, brotada durante a crise do subjetivismo, e do irracionalismo [...] marca diversas correntes da Filosofia Contemporânea".

A Fenomenologia torna-se robusta com Edmund Husserl (1859-1938), por meio da publicação das *Investigações Lógicas*, em 1900, em que ele a concebe como um fazer filosófico radical, uma disciplina pura, sem empirismo, tendo como conceito a intencionalidade, a qual entende que a intencionalidade advém da consciência.

Mediante a leitura reflexiva de Lima (2014), compreendemos que Husserl apresenta a Fenomenologia como a ciência das essências, cujo método radical busca compreender a experiência dos homens em função da realidade cotidiana que se manifesta, o que torna a Fenomenologia uma ciência descritiva que traz consigo um pensar intelectual crítico puro. Desse modo, para a Fenomenologia, faz-se necessário observar e refletir sobre os fenômenos como eles se apresentam, ou seja, "ir ao encontro das coisas em si mesmas" (HUSSERL, 2008, p. 17). Nesse sentido, Bogdan e Biklen (1994, p. 54) asseveram que "[...] a realidade só se dá a conhecer aos humanos da forma como é percebida". Schutz (2012, p. 59) acrescenta que "a realidade é como algo criado pelo homem a partir de suas experiências intersubjetivas"

Para Lima (2014), Husserl deu novo sentido ao termo Fenomenologia, que já havia sido utilizado por Lambert em uma acepção negativa por Kant por uma perspectiva crítica, assim como por Hegel, na Fenomenologia do Espírito, que tem outro sentido diferente do que é empregado por Husserl. No contexto husserliano, compreendemos que, na Fenomenologia, os fenômenos são percebidos *a priori* com um padrão explicativo, que tem uma intencionalidade; em outras palavras, os fenômenos sob o aspecto da Fenomenologia estão relacionados no âmbito do *a priori*, assim, não são fenômenos concretos, como visto nas ciências, de modo que são apreendidos pela experiência da consciência.

Desse modo, por meio das interpretações formuladas por Husserl, outros autores, inclusive os da Filosofia da existência — como Heidegger, Merleau-Ponty, Sartre e Scheler — construíram suas bases filosóficas, cujo alicerce foi o método de investigação fenomenológico de Husserl.

Além dos existencialistas, muitos foram os filósofos e intelectuais que dedicaram seu tempo a estudos a respeito da sociedade e seus fundamentos estruturais e das relações sociais. Dentre eles, destaca-se Schutz, que construiu um diálogo entre a Filosofia e a Sociologia. Assim, a Fenomenologia para Husserl centra-se na ideia de intencionalidade e apresenta o objeto de estudo

como ele se apresenta à consciência pelos sentidos, de modo que, por meio do estudo da consciência, é possível compreender a relação direta com o objeto em análise e com as experiências contidas nas vivências, que é a essência da consciência. A respeito disso, Amado, Crusoé e Vaz-Rebello (2013, p. 83, grifos dos autores) acrescentam que

Schutz desenvolveu a filosofia de Husserl no sentido de criar uma ‘fenomenologia descritiva da vida real’ (ou fenomenologia social. Segundo ele, na postura da pessoa comum, face ao mundo, existe uma atitude natural, um conjunto de conhecimento de senso comum que lhe permite interpretar e, dar sentido a sua vida e à dos outros.

Schutz dedicou sua vida ao propósito de estabelecer os fundamentos de uma Sociologia Fenomenológica, que se situa nas Ciências Sociais, enquanto uma Sociologia da vida cotidiana. Schutz “deu consistência aos princípios filosóficos de Husserl, ao criar um método de abordagem para a realidade social”. Para ele, “o mundo social apresenta-se aos indivíduos na forma de um sistema objetivado de designações compartilhadas e de formas expressivas” (MINAYO, 2014, p. 144).

Consideramos que a discussão fenomenológica é extensa e complexa, entretanto, possui uma riqueza ímpar para a pesquisa em Educação, visto que constitui um campo recente do saber em comparação a outros campos dos saberes existentes, motivo pelo qual ainda existem muitos aspectos a serem discutidos, estudados e revelados.

A presente investigação tem caráter qualitativo e descritivo, assim, as reflexões e as breves análises foram interpretadas sob a ótica da abordagem qualitativa. Para Marconi e Lakatos (2005, p. 269), essa abordagem “[...] fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos”.

Buscamos caracterizar as motivações das oito mulheres negras entrevistadas para retornar à sala de alfabetização na EJA, em quatro escolas da Rede Pública Municipal de Educação de Porto Seguro — Bahia, *lócus* desta pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa que tem como fundamento a abordagem qualitativa, o instrumento utilizado para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Para Minayo (2010, p. 64), a entrevista semiestruturada “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”. O material coletado nas entrevistas foi gravado em áudio e, em seguida, transcrito. Também realizamos anotações no diário de campo para subsidiar as análises.

Para construção dos diálogos apresentados neste texto, alicerçamo-nos ainda na pesquisa bibliográfica, que, para Gil (2002, p. 44), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Por acreditar que há um longo caminho a ser percorrido no diálogo entre a Fenomenologia e a pesquisa em Educação, consideramos que é necessário articular as discussões entre esses campos do saber.

## 2 Pesquisa em Educação em diálogo com o olhar fenomenológico

A Educação, enquanto uma ciência subjetiva que envolve relações sociais tão distintas, tem a necessidade de dialogar com um método que contribua com ela, em especial, que a fundamente em percepções diferenciadas sobre o fenômeno educativo. Assim, em busca de perceber diferentes realidades e, com isso evitar o olhar viciado, único e pretensioso que generaliza todas as consciências em um mesmo patamar de vivências e de experiências de aprendizagem, alicerçamo-nos no legado da Sociologia da vida cotidiana. Para Schutz (1993, p. 149 *apud* AMADO, 2017, p. 83), “só podemos compreender a ação realizada por alguém quando nos colocamos, ao menos em pensamento, em situação similar à do sujeito pesquisado”.

Nesse sentido, a Educação, na condição de fenômeno, torna possível essa análise da Fenomenologia, desde que na condição de pesquisador ou educador assumamos a posição de nos colocarmos no lugar do outro. Para Berger e Luckmann (2011, p. 39), a “realidade da vida cotidiana, além disso, apresenta-se a mim como um mundo intersubjetivo, um mundo de que participo juntamente com outros homens”.

Compreendemos que a pesquisa em Educação precisa romper com a forma homogeneizadora que coloca a todos no mesmo contexto social de relações e de entendimento, que generaliza todos os saberes e as experiências, pois os seres humanos vivenciam as experiências de formas diferentes na consciência. Segundo Minayo (2007, p. 21), “as Ciências Sociais se ocupam com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado”, isso porque, no processo de construção do conhecimento nas Ciências Humanas, estão imbricadas as representações e as intencionalidades dos sujeitos envolvidos no processo, bem como as questões de interações sociais que não podem ser traduzidas em estatísticas, mas ser refletidas e reveladas pela consciência por intermédio da essência dos fenômenos.

Assim, a investigação fenomenológica, segundo Amado (2017, p. 41), visa a investigar “o que, na realidade, faz sentido e como faz sentido para os sujeitos investigados”. Ainda conforme Schutz (1979, p. 55), a Fenomenologia é “um método, e tão científico quanto qualquer outro”. Para Heidegger (2006, p. 66), “a expressão ‘fenomenologia’ significa, antes de tudo, um conceito de método”. Merleau-Ponty (1999, p. 1) também enfatiza que a Fenomenologia “é estudo das essências e de todos os problemas, segundo ela, resume-se em definir: a essência da percepção, a essência da consciência”.

Nesse sentido, o método fenomenológico na pesquisa em Educação de Jovens e Adultos pode dialogar com outros campos de investigação para compreender a realidade que se apresenta aos olhos do pesquisador. Nesse sentido, alinha-se à pesquisa qualitativa, visto que se coaduna com ela, ao buscar entender em profundidade a essência dos fenômenos educacionais diante das experiências de vida, dos sentidos e da consciência, do ser no mundo e com o mundo. Além disso, propicia uma imersão no universo conceitual dos sujeitos para entender os diferentes olhares que dão às interações sociais no contexto, evitando uma compreensão velada da realidade posta.

No que se refere às contribuições da Fenomenologia Sociológica para a pesquisa em práticas educativas, Crusoé e Santos (2020, p. 14) apontam as seguintes possibilidades:

- a) apreensão da prática educativa como objeto da consciência, o que significa apreendê-la na sua dimensão subjetiva; b) reflexão sobre o papel do pesquisador e do pesquisado na relação de pesquisa, tomando o campo empírico como campo de problematização; c) refinamento de instrumentos de produção e análise de dados; d) potencialização da pesquisa como processo.

Nas palavras dos estudiosos, “trata-se de buscar o sentido da experiência, de investigar a consciência do outro, tomando como referência o sentido que o sujeito atribui a sua experiência” (CRUSOÉ; SANTOS, 2020, p. 14). Ampliando essa discussão, Meksenas (2002, p. 92) assegura que, no “método fenomenológico, o pesquisador procura destacar as visões e vivências presentes na atitude natural, sem as quais os símbolos e a linguagem da ciência não poderiam dizer nada”. Assim, consegue compreender e explicar as relações sociais, os fenômenos e as representações de sentido e significados que se constituem no *lócus* da pesquisa. Diante disso,

[...] esse ponto de partida coloca as pesquisas desenvolvidas no âmbito da investigação fenomenológico-interpretativa, cujos pontos centrais são as intenções e as significações, que guiam a ação dos sujeitos, na relação com o outro e com os contextos em que acontecem (AMADO, 2017 *apud* CRUSOÉ; SANTOS, 2020, p. 02).

As leituras realizadas da concepção de Husserl, bem como dos próprios escritos do filósofo, levaram-nos a compreender que, para pesquisar alicerçados pela abordagem da Fenomenologia, é preciso descrever os fenômenos que se apresentam nas vivências experienciadas pelo sujeito. Em Husserl, o sujeito é a consciência e, como tal, é intencional, já que se configura como consciência de algo ou de algumas coisas. Então,

[...] o que se mostra no fenômeno não é apenas sensorial, mas, antes, é o que ele se torna quando se apresenta à consciência, quando o conceituamos; em última instância, são os sentidos dados às coisas, pela consciência, que dá sentido à realidade. O sujeito, em Husserl, é consciência; consciência que não independe da experiência sensível para formular conhecimento, mas é somente na consciência, que se produz conhecimento, porque somente ela é capaz de captar a essência do fenômeno, como produto da reflexão. Entendemos, que a consciência existe para um objeto sua funcionalidade é intencionalmente dirigida para o objeto. Em Husserl, “Atos” de percepção do objeto (CRUSOÉ; SANTOS, 2020, p. 6).

É nesse aspecto que algumas pesquisas em Educação se fundamentam para realizar pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica, visto que busca conhecer a prática educativa como um ato que faz sentido na consciência do sujeito desse processo, em que é preciso ter proximidade ou vivência com as

relações sociais estabelecidas, os significados, os sentimentos e os fenômenos que se apresentam no *locus* da pesquisa. Ademais, é importante compreender como esses elementos tornam-se significações a serem percebidas nas minúcias da fala, dos gestos e das expressões dos informantes em uma pesquisa em Educação.

A fenomenologia enfatiza os aspectos subjetivos do comportamento humano e preconiza que é preciso penetrar no universo conceitual dos sujeitos para poder entender como e que tipo de sentido eles dão aos acontecimentos e às interações sociais que ocorrem em sua vida diária. O mundo do sujeito, as suas experiências cotidianas e os significados atribuídos às mesmas são, portanto, os núcleos de atenção na fenomenologia. Na visão dos fenomenólogos é o sentido dado a essas experiências que constitui a realidade, ou seja, a realidade é “socialmente construída” (BERGER; LUCKMANN, 1985 *apud* ANDRÉ, 1992, p. 96).

Entendemos que, pela Fenomenologia, a pesquisa em Educação inicia um caminho no qual compreende que a construção do saber científico é algo intencional e passa pela experiência da consciência, que vivencia uma realidade socialmente construída.

O conhecimento não é simplesmente um conhecimento intelectual esvaziado de sentido, portanto, é preciso possibilitar um olhar para o mundo, porque é no mundo vivido que o pesquisador e o pesquisado constroem seus sentidos sobre a vida cotidiana. Desse modo, o ato de pesquisar tendo como base o método fenomenológico precisa de rigor, de sistematização e de diálogo intersubjetivo nesse processo de construção dos saberes. Vemos, em Husserl, a Fenomenologia como um projeto de uma fundamentação absoluta do conhecimento, pois, para ele, o conhecimento exige um rigor científico que faz sentido.

### **3 A Fenomenologia Sociológica na EJA: diálogos com a experiência, a realidade e a vida cotidiana**

A Educação de Jovens e Adultos, na condição de um fenômeno social, nos possibilita uma análise da Sociologia Fenomenológica de Schutz, pois, para compreender o significado da motivação que leva os sujeitos da EJA a retomarem à escola na vida adulta, é preciso inteirar-se do mundo do indivíduo que é perpassado por relações humanas e sociais distintas que ocorrem no mundo da vida. Assim, Schutz (1970, p. 17) afirma que “cada indivíduo constrói seu ‘mundo’. Mas o faz com o auxílio de materiais e métodos oferecidos por outros: o mundo da vida é o mundo social [...]”. Ainda nesse contexto, Rezende (1990, p. 34-35) reforça o ato educativo “como uma estrutura reunindo dialeticamente na intencionalidade o homem e o mundo, o sujeito e o objeto, a existência e a significação”.

A Sociologia, enquanto ciência da sociedade, centra toda sua atenção na busca pela apreensão do mundo social comum a todos os homens nas diferentes sociedades e culturas, bem como suas relações de produção de conhecimento e de organização das instituições e das leis que regem essas relações sociais. Berger e



Luckmann (2011, p. 35) asseguram que: “Como sociólogos, tomamos esta realidade por objeto de nossas análises”. Sendo assim, podemos considerar que o ponto de partida desta concentra-se na realidade da vida cotidiana que envolve relações sociais diversas, assim como a educação. Ainda nessa perspectiva, os mesmos autores ressaltam que a Sociologia, por ser uma ciência empírica, pode “tomar esta realidade como dada, tomar como dados os fenômenos particulares que surgem dentro dela [...]” (BERGER; LUCKMANN, 2011, p. 35).

Partindo desse contexto, compreendemos que, embora seja complexo escolher o método da Sociologia Fenomenológica de Schutz para alicerçar uma investigação no campo da Educação, faz-se necessário visto que ela transcende as possibilidades epistemológicas de diálogos com outros campos do saber. Crusoé e Santos (2020, p. 2) destacam que,

na área de educação, torna-se ainda mais premente por utilizar-se de aportes teórico-metodológicos de diferentes matrizes epistemológicas e, com isso, corre-se o risco de transposição conceitual de um campo para o outro, sem as devidas mediações, sem atentar para os limites e possibilidades de sua aplicação às pesquisas em educação.

Segundo Minayo (2014, p. 144), Schutz é um dos mais significativos representantes das Ciências Sociais. “Ele dá consistência sociológica aos princípios filosóficos de Husserl e cria o método para abordagem da realidade social”. Essa formulação de Schutz não foge dos princípios da fenomenologia de Husserl que se centra na ideia de intencionalidade e apresenta o objeto de estudo como ele se apresenta à consciência pelos sentidos, sendo que, por meio do estudo da consciência, é possível compreender a relação direta com o objeto em análise com o teor da mente, que é a essência da consciência.

Nessa perspectiva, a investigação fenomenológica torna-se o método próprio para colaborar com o entendimento dos motivos e dos sentidos que fundamentam o retorno das mulheres negras às salas da EJA, pois investiga “o que, na realidade, faz sentido e como faz sentido para os sujeitos investigados” (AMADO, 2017, p. 41). Ainda sobre o método fenomenológico, Merleau-Ponty (1999, p. 1) destaca que ele “é estudo das essências e de todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir: a essência da percepção, a essência da consciência”.

O método fenomenológico na pesquisa em Educação, para além de dialogar com a pesquisa qualitativa que “[...] trabalha o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, conforme Minayo (2010, p. 21), também busca entender em profundidade a essência dos fenômenos educacionais diante das experiências de vida, dos sentidos e da consciência do ser no mundo e com o mundo. Ele propicia uma imersão no universo conceitual dos sujeitos para entender os diferentes olhares que dão às interações sociais no contexto, evitando uma compreensão velada da realidade posta.

A Fenomenologia tornou-se uma das principais inspirações para a pesquisa qualitativa, já que enfatiza a experiência vivida dos indivíduos, constituindo, portanto, um meio poderoso para entender a experiência subjetiva das pessoas, e obter insights acerca de suas motivações (GIL, 2002, p. 12).

Assim, o ato de pesquisar, tendo como base o método fenomenológico, precisa ser rigoroso, sistematizado e pautado em diálogos intersubjetivos no processo de construção dos saberes. O caminho mais assertivo é também o descritivo em busca de compreender o significado da motivação que levou as participantes desta investigação a retomarem o processo de escolarização.

A Sociologia fenomenológica de Schutz traz construtos que nos ajudam a refletir sobre fenômenos que perpassam a vida do sujeito da EJA, como: “experiência, motivo e realidade”. Compreendemos que o mundo da vida está alicerçado por experiências e motivações que formam a realidade e que emana “[...] o mundo intersubjetivo que existia muito antes do nosso nascimento, vivenciado e interpretado por outros, nossos predecessores, como um mundo organizado” (SCHUTZ, 1979, p. 72).

Dessa forma, a vida cotidiana é uma realidade posta e interpretada pelos humanos de acordo suas construções sociais. No que tange às mulheres negras, estas vivenciam esse mundo que já estava posto, um mundo perpassado por marcadores sociais que as impedem, que atravessam as motivações e intenções delas.

É nessa conjuntura social que se dividem os seres humanos em categorias privilegiadas e desprivilegiadas socialmente. Por conseguinte, as mulheres pretas vivem suas experiências cotidianas, marcadas por negações de direitos, inclusive à alfabetização na infância. Sobre isso, Berger e Luckmann (2011, p. 38) preconizam que “entre as múltiplas realidades há uma que se apresenta como sendo a realidade por excelência. É a realidade da vida cotidiana. Sua posição privilegiada autoriza a dar-lhe a designação da realidade predominante”.

Sobre o conceito motivo, entendemo-lo pela ideia de Schutz acerca das motivações que levam as mulheres negras a retornarem ou a iniciarem seu processo de escolarização na alfabetização de jovens e adultos, pois tais motivações estão imbricadas nas experiências significativas vivenciadas por elas em suas realidades sociais e que, nas entrelinhas, estão carregadas de intencionalidade para responder às diversas demandas da vida cotidiana que se apresentam a elas, de acordo com a classe social a que pertencem. Nesse sentido, para Husserl (2006, p. 2), o “mundo é o conjunto completo de objetos da experiência possível e do conhecimento possível da experiência, dos objetos possíveis de serem conhecidos com base em experiências atuais do pensamento teórico correto”.

Compreendemos esse contexto conforme os postulados de Schutz (2018, p. 125), segundo o qual, “podemos então definir o contexto geral da experiência também como reunião de todos os atos reflexivos de voltar-se-para [...]”. Assim, nesta investigação, as mulheres entrevistadas podem ter tido experiências intersubjetivas distintas com a alfabetização, mas a maioria narra que são experiências de negação de direito, que, no entanto, não as impediram de sonhar com a escolarização.

Ao serem questionadas sobre as motivações que as levam a iniciar ou retornar à sala de aula de alfabetização de EJA, elas relatam, principalmente, a busca por independência pessoal, social e financeira, bem como a necessidade de conviver com autonomia na sociedade da escrita, dado que, para elas, ler e escrever constitui um ato de liberdade e o desejo de serem exemplos para os familiares mais próximos.

No contexto de diálogos com as entrevistadas para a construção da investigação, nossa intenção era que relatassem suas motivações para a ação de iniciar a alfabetização ou a ela retornar na EJA. Isso porque, ao narrarem fatos de suas vivências ou não com a escola em seu percurso de vida, elas fazem uma rememoração para que possamos entender quais são suas experiências mais significativas. A esse respeito, Schutz (1970, p. 62-63) ressalta que:

[...] quando, através de meu ato de reflexão eu volto minha atenção para minha experiência de viver, já não estou mais posicionado dentro da corrente duração pura, simplesmente já estou vivendo dentro desse fluxo. As experiências são aprendidas, distintas, marcadas, uma com relação à outra; as experiências foram constituídas como fase de um fluxo da duração tornam-se agora objeto da atenção como experiências constituídas. [...] em suma uma experiência que já está no passado, independentemente de ser a atenção em questão reflexiva ou reprodutiva.

Entendemos que a motivação tem uma relação próxima com as experiências passadas, por isso podem ser classificadas como significativas por já terem sido experienciadas e vivenciadas no mundo cotidiano com os outros. Como postulado por Amado, Crusoé e Vaz-Rebello (2013, p. 82), “as ações humanas só se tornam compreensíveis se encontrarmos nelas motivações [...]”. Ora, segundo Schutz (2019), os nossos atos são motivados pela ação do Outro, ou seja, quando faço algo é a reação do Outro que tenho em vista.

O termo experiência utilizado na investigação referiu-se às vivências por nós experienciadas que afetam nosso sentido, ou seja, somente o que já foi vivenciado pelo ator social e é significativo para consciência enquanto sujeito que constitui uma experiência. Com isso, ao fazer um retorno às suas memórias, para narrar suas experiências ou não com a escola, as mulheres negras participantes da pesquisa revelam os atos que foram significativos ao longo de suas vivências na vida cotidiana passada com a escolarização.

Para o conceito motivo, assumido neste texto, Schutz (2018) apresenta três distinções, sendo elas: “*motivo-porque genuíno; motivo-para e motivo-porque*”. Para melhor elucidação, tomamos como base o motivo-porque genuíno, pois entendendo que “enquanto o motivo-para, partindo do projeto, explica a constituição da ação, o motivo-porque genuíno explica a constituição mesma do projeto com base nas vivências antecedentes” (SCHUTZ, 2018, p. 146). No que se refere ao conceito motivo-porque, Souza (2012, p. 11) assevera que “Schutz recoloca o motivo-porque na concepção de Weber como motivo para (a fim de), como ideia de futuro, de projeção. Até mesmo para entender o motivo-porque, faz-se necessária uma reflexão/retrospectiva”.

Assim, o conceito de motivo que fundamentou a investigação foi o motivo-porque genuíno, pois acreditamos que a ação das mulheres negras de retornar às salas de alfabetização de jovens e adultos envolve um projeto articulado com suas vivências e experiências sociais no mundo da vida, não sendo algo somente alicerçado no presente com pretensões futuras.

Compreendemos, assim, que esse conceito tem um significado subjetivo, pois as experiências vivenciadas pela consciência, enquanto sujeitos, é que nos movem para ação. Tal reflexão surgiu diante dos postulados de Schutz e também das narrativas das mulheres negras participantes desta pesquisa. Segundo elas, entendemos que a ação de retornar ao processo de alfabetização possui uma vinculação às suas vivências sociais, de modo que essas mulheres executam um voltar-se para si, para com isso realizarem a ação. Por fim, explicitamos aqui, porque, dentro do método da Sociologia Fenomenológica, utilizamos o conceito de realidade para compreender as motivações das mulheres negras para retornarem ou iniciarem a escolarização na alfabetização de jovens e adultos.

A “realidade significa simplesmente relação com a nossa vida emocional e ativa o que quer que seja que excite e estimule nosso interesse é real” (SCHUTZ, 1979, p. 248). A realidade posta a nós pela sociedade parece ser tão natural, que se torna difícil, em especial, para as mulheres pretas pertencentes a uma categoria desprivilegiada e subalternizada socialmente, abandoná-la de repente. Essa é, para Schutz (1979, p. 249), a “realidade da nossa vida cotidiana”. Sabemos que a realidade também é construída por nós diante de nossas experiências subjetivas e das relações que construímos no mundo da vida cotidiana. Perante essa compreensão, o método fenomenológico permite-nos olhar a realidade de cada sujeito de modo reflexivo, sabendo que é de acordo com as vivências e as relações sociais que se constroem os significados das experiências, as quais são diferentes para cada consciência.

#### **4 Algumas considerações (in) conclusivas**

A Fenomenologia, enquanto um método filosófico, descritivo e rigoroso, nos impulsiona a compreender e ressignificar a educação enquanto um ato social, que envolve relações entres seres pensantes. Entretanto, ainda que vivamos em um espaço socialmente constituído, a existência da realidade independe de nossa vontade. Nesse sentido, os seres humanos constroem suas próprias experiências e têm em sua consciência os sentidos dessas experiências vividas.

Assim, podemos considerar que a Fenomenologia tem imensas contribuições para construção das investigações científicas que versam sobre a Educação, visto que considera que as experiências vivenciadas pelos sujeitos são importantes para os seus processos de aprendizagem e construção de saberes, dessa forma, é preciso que a educação faça sentido para o homem enquanto ser no mundo, ou seja, a Fenomenologia é relevante para a Educação porque desvela uma realidade vista por muitos como padronizada e única.

Nesse sentido, a função do pesquisador ou do educador é buscar compreender esses fenômenos e debruçar-se sobre os sentidos que apresentam enquanto elemento da consciência, logo, somente em uma análise fenomenológica profunda, é possível compreender a significação da experiência.

Consideramos que é possível realizar uma pesquisa acerca da alfabetização de mulheres negras na EJA sob a perspectiva da Fenomenologia Sociológica de Schutz, desde que busquemos compreender que as motivações dessas mulheres estão alicerçadas por construções sociais da vida cotidiana e que esse retorno é intencional. Ainda que essa intencionalidade não seja expressa em palavras, está contida na consciência dessas mulheres. Esse é de fato um dos objetos da Sociologia do cotidiano de Schutz.

## REFERÊNCIAS

- AMADO, João da Silva. **Manual de investigação qualitativa em educação**. 2. ed. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2017.
- AMADO, João; CRUSOÉ, Nilma; VAZ-REBELO, Piedade. Quadros analíticos da investigação qualitativa em educação. *In*: AMADO, João (coord.). **Manual de investigação qualitativa em educação**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. p. 73-99.
- BERGER, Peter; L. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 33. ed. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 2011.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **A contribuição do estudo de caso etnográfico para a reconstrução da didática**. Tese de Livre Docência. Faculdade de Educação. São Paulo, USP, 1992.
- BOGDAN, R. BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Lisboa: Porto Editora, 1994.
- COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas**. 16. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2006.
- CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro; SANTOS, Edmilson Menezes. Fenomenologia Sociológica de Alfred Schutz: contribuições para a investigação qualitativa em prática educativa. **Rev. Tempos Espaços Educ.**, Aracaju, v. 13, n. 32, e-13274, jan./dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v13i32.13274>. Acesso em: 5 jul. 2020.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.
- HUSSERL, Edmund. **A ideia da Fenomenologia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1970.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da Fenomenologia**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma Fenomenologia pura e para uma Filosofia Fenomenológica**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LIMA, Antonio Marçal (org.). **Ensaio sobre fenomenologia**: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty (*online*). Ilhéus: Editus, 2014.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa Social e Ação Pedagógica**: Conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneiro Thompson, 2004.

REZENDE, A. M. de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: CORTEZ, 1990.

SCHUTZ, Alfred. **Construção significativa do mundo social**: uma introdução à sociologia Compreensiva. Tradução de Tomas da Costa. Petrópolis: Vozes, 2018.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUZA, Márcio Nicory Costa. Algumas considerações sobre a sociologia de Alfred Schutz. **Em Tese**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 1-26, jan./jul. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2012v9n1p1/23492>. Acesso em: 25 ago. 2020.